



Director: Pedro Tadeu
Director adjunto: Ricardo Martins Pereira

JACINTA QUER CONTINUAR A CATIVAR O PÚBLICO

“O jazz não é uma música fácil”

U2, The Beatles e Stevie Wonder são alguns dos artistas homenageados no espectáculo “Songs of Freedom”. Até ao fim do ano haverá um novo álbum

■ TEXTO ■ VANESSABARROSCRUZ

Começa em 2003 com um tributo à cantora de blues norte-americana Bessie Smith. Passa, mais tarde, pelos temas de Tom Jobim, em “Jacinta canta Brasil”. O fascínio por Zeca Afonso leva-a depois ao álbum “Convexo”. Agora é tempo de “Songs of Freedom” (“Canções de Liberdade”), um projecto em que canta temas dos anos 60, 70 e 80, com arranjos de jazz. “É engraçado, porque tudo surgiu com duas canções que a minha *manager* achava que eu devia interpretar: O ‘Redemption Song’, do Bob Marley, e o ‘I Wish’, de Nina Simone. Depois, essas canções definiram a linha do repertório, que passa pelos U2, The Beatles, Stevie Wonder...”, conta ao 24horas Jacinta, de 37 anos.

Na paleta, vários estilos acabam por convergir num ritmo só. Vai até ao esqueleto do tema e aplica-lhe jazz. Porquê projectos tão diferentes? “Temos que manter uma linha de inovação, para continuar a cativar sempre o público. Nos meus espectáculos, nunca faço o alinhamento completamente erudito. Toco dois ou três temas mais



» A cantora fica “doente” com os seus próprios erros

eruditos e depois contrabalanço com outro mais fácil. Pois o jazz não é uma música fácil, porque não é batido. Não se ouve nos supermercados...”, realça a cantora.

Com “Songs of Freedom”, tenta aproximar o jazz das pessoas, abrindo as portas dos ensaios aos admiradores, actualmente em Ílhavo, sua terra natal. No palco,

interage com o pianista Pedro Costa e o saxofonista Paulo Gravato. Ajusta o ritmo, encaixa o seu tom aos acordes feitos. Pára, quando algo não lhe soa bem, e repete. Até atingir aquilo que aos seus ouvidos será a perfeição. “Fico anos sem ouvir a minha música. Porque fico a ouvir os meus erros e fico doente”, confessa.

Improvisação

No momento de apresentar o resultado dos ensaios ao público, tudo tem que estar no lugar. A improvisação vem depois. “Eu costumo dizer que um músico de jazz é muito mais rigoroso a seguir a estrutura do que outro tipo de músico. Não há oscilações, e isso é que permite a liberdade de improvisação. Se todos estão à espera uns dos outros, ninguém faz nada”, explica Jacinta.

Por aqui se vê a sua determinação e segurança na hora de transmitir jazz, que considera ser um género musical assente na oralidade. A postura que tem em palco é o espelho da forma como construiu a sua carreira.

Depois de receber o prémio “Músico Revelação 2001”, da Antena 1, e de participar no “Chuva de Estrelas”, da SIC, Jacinta mudou-se para Nova Iorque, onde tirou o mestrado em Jazz Vocal.

Fez carreira na América, mas ao vencer em 2007 o prémio Melhor Artista Jazz do Continente Europeu voltou a Portugal, uma porta de entrada para o Velho Continente. Este ano edita o seu quarto álbum. “Talvez converta ‘Songs of Freedom’ em disco. Ainda não sei, mas até ao final do ano vai sair um disco, sim”, garante. ▀